



As Pesquisas Sem Relevância e o Interesse Público*

Saulo M S Jacques¹

¹Pesquisador e Desenvolvedor da Lana -
Ciência Cidadã e Tecnologias Livres

Correspondence

Email: saulojacques@protonmail.com

Em meio à crise sistêmica que enfrentamos, diversos grupos ensaiam a redução ainda mais radical dos investimentos em educação e pesquisa. Uma das justificativas tenta comparar pesquisa científica à lógica consumista do mercado. Neste pequeno texto, publicado originalmente na BioBox Magazine em 2017, levanto alguns dos pontos que considero relevantes para começarmos uma reavaliação do nosso papel no "fazer ciência" e para uma retomada do diálogo com a sociedade.

Keywords: Neoliberalismo, Pesquisa, Ciência Participativa, Democracia

A Pesquisa em Tempos Interessantes

Em Abril de 2016, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin declarou em entrevista que a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do São Paulo (FAPESP) que não "quer apoiar projetos de sociologia ou projetos acadêmicos sem nenhuma relevância". A nota lançada pelo órgão, após a declaração, esclareceu o que o governador ignorou: "Algumas pesquisas não se realizam para chegar a resultados práticos, mas sim para tornar as pessoas e as sociedades mais sábias e, assim, entenderem melhor o mundo em que vivemos, o que é uma das missões da ciência"[1].

Esse incômodo com o financiamento de pesquisas que não sigam de alguma forma a lógica utilitarista tem sido cada vez mais frequente e também afetou a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Antes mesmo do governo decretar a falência do Estado, o deputado estadual Edson Albertassi apresentou um projeto de lei, alterando o financiamento para fins exclusivos do interesse da administração pública. Posteriormente, o mesmo deputado propôs a emenda constitucional que reduziria de 2% para 1% o investimento na FAPERJ.

*Texto originalmente em Biobox Magazine - Março/2017

Em nível federal, o governo Michel Temer iniciou também uma investida contra a pesquisa no país. Se já estava ruim no governo anterior, agora pesquisadores não sabem qual a novidade que lhes espera no dia seguinte. A primeira medida de grande repercussão foi o fim ao Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação.

No final de 2016, entre o natal e o ano novo, foi a vez do Congresso Nacional aprovar a Lei Orçamentária Anual de 2017 transferindo quase R\$ 2 bilhões de recursos destinados à ciência, tecnologia e inovação, que antes eram garantidos pelo Tesouro, para Recursos Condicionados (sem previsão orçamentária). Em todos esses casos, a pressão da comunidade científica resultou em recuo.

| Resultados! Só importam os resultados...

Nas palavras do escritor e ensaísta James Baldwin, o artista deve focar a essência de cada resposta e expor a pergunta que a resposta esconde[2]. Nas ciências, de forma parecida, a pergunta é fundamental, mesmo que nem sempre gere uma solução útil. Parto de que, em ciência, o resultado só é desapontador quando a pergunta não foi bem formulada. Pelo ponto de vista imediatista, muitos estudos fundamentais poderiam ser motivo de frustração. Nossa história apresenta vários exemplos, da Ecologia à Filosofia.

O que seriam de estudos como Bóson de Higgs, aparentemente frustrantes em uma avaliação imediatista, contudo que se mostraram fundamentais para estudos atuais?

É nesse descompasso entre a essência da pesquisa acadêmica, da ciência em si, e a lógica corporativa, que a primeira se torna uma ameaça e, ao mesmo tempo, é ameaçada. Quanto um governo está disposto a investir (gastar, para muitos) parte do orçamento em "projetos de sociologia"? Qual a importância das influências das alterações climáticas sobre algo tão específico e microscópico como a comunidade microbiana?

Se é pra ser relevante, que a sociologia trace o perfil dos potenciais consumidores/eleitores, e que a ecologia nos diga se o nível do mar põe em risco à área onde o governo pretende construir um resort. E que sejam despolitizadas! Longe da cegueira cientificista de ignorar as relações de forças e interesses dentro da sociedade, entretanto, longe também de sujeitar a ciência a uma condição que viola sua essência.

Jacques Rancière define a pós-democracia como a retomada do ódio à democracia, nesse caso se assemelhando aos tempos pré-democráticos[4]. Um período de frustração e desilusão com a política, onde os interesses de uma minoria empoderada economicamente se tornam muito mais importantes do que aqueles das pessoas comuns. Rancière faz a distinção entre a política institucionalizada, que define como polícia, e as atividades que perturbam a ordem estabelecida por essa, definida como política propriamente dita. Em um cenário pós-político, observado na era pós-democrática, a polícia suprime o poder político e o dissenso da democracia. É a política institucionalizada (polícia), anulando a Política. Os governos passam, assim, a representar apenas uma parte de um sistema, onde seu papel é simplesmente administrar o interesse de alguns. E a ciência? E os pesquisadores? Nós não somos membros do famoso grupo dos 1%. Embora pertençamos a uma elite intelectual, ficamos sujeitos igualmente às pressões de governos regidos pela lógica corporativa em detrimento aos interesses públicos. Pode soar duro para muitos, mas para um estado pós-democrático, somos também pessoas comuns.

Mas vamos também reconhecer nossa parcela de culpa: A conveniente falta de esclarecimento na sociedade abre espaço para a ideia equivocada de pesquisas que "não servem para nada", mas nós também nos comunicamos mal.

Esclarecer acerca da relevância das diversas áreas de pesquisa e dos serviços públicos na sociedade é fundamental em momentos de crise. Um exemplo é a ameaça ao funcionamento dos hospitais públicos que mobiliza os profissionais da saúde, mas, principalmente, pessoas direta ou indiretamente dependentes dos serviços. Nesses momentos sérios, isso faz muita diferença.

Por outro lado, se um simpósio sobre recursos hídricos ocorre em uma região com problemas de abastecimento

e captação de água, por que as portas (metafóricas e literais) não estão abertas à população?

Aristóteles diz que o ser humano é um animal político (*zoon politikón*) por possuir a capacidade de articular pensamentos, fazer discursos[3]. Devemos, além de fazer pesquisa, aprender como nos comunicamos. Muitos dos novos professores/pesquisadores lidam com as redes sociais não como buraco negro que sugará conhecimento, nem como a solução para todos os problemas que enfrentamos, mas como uma ferramenta útil para esclarecer e desmistificar certos temas, desfazer os boatos e notícias pseudocientíficas, alcançando um público bem maior. Isso já é um passo. Não que devamos ser o chato que aparece sempre no feed de notícia como "cruzados da ciência". Todavia é preciso ter em mente que, tanto fazer pesquisa, quanto fazer política não se restringe a salas de aula, laboratórios ou eleições, pois como se pode ver nas inundações diárias dos feeds de notícias, as ameaças a ambas são constantes e partem de vários lados: de fundamentalistas religiosos a instituições que deveriam defender, por princípio, o interesse público.

Pesquisa e comunicação são fundamentais para a manutenção de independência investigativa frente à lógica de mercado e pela democratização do conhecimento abrindo mais canais de diálogo com a sociedade. É preciso esclarecer sobre a importância social da ciência ao considerar evidências que servirão de bases para adoção de políticas públicas nas mais diversas áreas, e abrir portas é um passo nesse sentido.

References

- [1] Alckmin critica Fapesp por pesquisas 'sem utilidade prática' - 27/04/2016 - Ciência.
- [2] James Baldwin. The Creative Process. In *The price of the ticket: collected nonfiction 1948-1985*. St. Martin's Press, New York, 1985.
- [3] Cesar Augusto Ramos. Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 55(129):61-77, June 2014.
- [4] Jacques Rancière. *O ódio à democracia*. Boitempo Editorial, 1 edition, 2014.